

A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA DENTRO DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS LIVROS DIDÁTICOS

LINGUISTIC VARIATION IN PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING IN TEXTBOOKS

VARIACIÓN LINGÜÍSTICA EN LA ENSEÑANZA DE LA LENGUA PORTUGUESA EN LOS LIBROS DE TEXTO

 Janete Pereira Santos Carvalho¹

1. Graduada em Letras-Português-Inglês e Espanhol. Mestranda em Ensino-Aprendizagem de Línguas. Universidade Estadual de Maringá-UEM. E-mail: janetepereira23@hotmail.com.
2.

RESUMO: A produção deste trabalho foi realizada como forma de conclusão da disciplina eletiva de mestrado, Princípios da Sociolinguística Educacional. A pesquisa objetiva a forma de descrever como é ensinada a variação linguística na língua do português brasileiro nas escolas dentro de seus materiais didáticos. De início tematizando as práticas escolares com a língua portuguesa com os alunos, baseadas nas práticas das autoras Cyranka e Scafutto. Por um lado esses alunos reclamam da do ensino de língua portuguesa “ela é muito difícil”, e do outro os docentes classificam como “pouco capazes”, desse modo agrava quando se trata de falantes de dialetos pouco prestigiados, considerados errados. Em um segundo momento define-se no ambiente escolar o que é ensinar língua padrão ou língua culta baseado nas ideias de Faraco (2008) já que as variedades ocorrem em usos mais monitorados da língua por diversos segmentos sociais.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação Linguística. Língua Padrão.

ABSTRACT: La producción de este trabajo se realizó como una forma de concluir la disciplina optativa de la Maestría, Principios de Sociolingüística Educativa. La investigación tiene como objetivo describir cómo la variación lingüística del portugués brasileño se enseña en las escuelas dentro de sus materiales didáticos. Al principio, el tema de las prácticas escolares con la lengua portuguesa con los alumnos, a partir de las prácticas de los autores Cyranka y Scafutto. Por un lado, estos estudiantes se quejan de que enseñar portugués es “muy difícil”, y por otro, los profesores lo catalogan como “poco capaz”, empeorando así cuando se trata de hablantes de dialectos menos prestigiosos, considerados incorrectos. En un segundo momento, se define en el ámbito escolar qué es enseñar una lengua estándar o una lengua culta a partir de las ideas de Faraco (2008) ya que las variedades se dan en usos más vigilados de la lengua por diferentes segmentos sociales.

Keywords: Sociolinguistics. Linguistic Variation. Standard Language.

RESUMEN: Este artículo presenta los resultados de una investigación realizada en la Facultad de Educación, curso de Pedagogía, en una universidad de la ciudad de Belo Horizonte, Minas Gerais. La búsqueda fue analizar y comprender, a través de las memorias relatadas por sujetos circenses que vivieron el proceso de escolarización en las décadas de 1980/1990, los obstáculos encontrados en relación al derecho a la educación y su permanencia en la escuela, ya que estos artistas vivieron ese proceso de una manera situación itinerante. Se trata de una investigación cualitativa, en la que la recolección de datos se realizó a través de entrevistas semiestructuradas y por escrito. Entrevistamos a seis sujetos, hombres y mujeres, de diferentes edades, lo que permitió reflexionar sobre el acceso a la educación y la permanencia de los niños circenses en la escuela en las décadas de los 80 y 90.

Palabras-clave: Sociolingüística. Variación Lingüística. Lengua Estándar.

Recebido em: 12/02/2023

Aprovado em: 21/04/2023



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

Introdução

Ao longo dos anos, muitas pesquisas têm mostrado dedicação em relação ao ensino de língua materna, principalmente do português brasileiro. Diante dessa preocupação de uma reflexão ao ensino da sociolinguística, pesquisadores desse ramo posicionam-se para uma discussão do ensino nos aspectos sociolinguístico do falante. Para Faraco (2008) a ampliação do ensino voltado nas suas variações linguísticas garante um ensino “amplo e autônomo pela heterogeneidade linguística em que vive.” (FARACO, 2008, p.165)

Pensando que é na interação verbal que os falantes constituem a forma de expressar-se a adaptando às condições de tempo e local. Para tanto, não há uma língua padrão absoluta de correções e sim, uma língua que varia sistematicamente conforme a socialização. De acordo com Faraco (2008), linguisticamente, a língua é heterogênea, o que afirma que há suas variedades.

Partindo da premissa em que a língua é heterogênea, o presente artigo traz a tematização das práticas escolares com a variação linguística em livros didáticos em língua portuguesa para os alunos do Ensino Fundamental-Anos iniciais, baseadas nas práticas das autoras Cyranka e Scafutto (2011). O sujeito enquanto aluno já é falante competente como também dominam a língua em suas práticas sociais, estrutura gramatical, porém quando chega à escola depara-se com algumas realidades e percebem que não sabem sua língua, alunos de um lado dizendo que “ela é muito difícil”, e docente do outro lado julgando-os sendo “pouco capazes”. Desse modo, agrava-se quando se trata de falantes de dialetos pouco prestigiados bem como poucos letrados considerados errados.

2 Descrição da variação linguística

“Nóis vai embora?” ou “Fia vê se tem arrois?”. No primeiro enunciado a presença da semivogal /i/ acrescentada no pronome nós e o verbo ir conjugado na terceira pessoa do singular, causa estranhamento para alguns como também preconceito linguístico em relação a pessoa falante desses enunciados citados acima. E assim sendo, para o segundo enunciado, em que a palavra “fia” corresponde a filha, neste caso o lh foi substituído por /i/ e a palavra “arrois” corresponde a arroz, a letra z ganhou os grafemas “is”, representando o seu fonema, uma vez que alguns falantes dessa variedade linguística o som do grafema Z, em sua oralidade se transforma no som de uma semivogal.

É muito comum, quando ouvimos uma conversa como essa, identificarmos o falante como baixa escolaridade, pertencente a classe de pouco prestígio ou até mesmo julgá-lo como pertencente à zona rural. Para Camacho (2011), “com base nesses traços, pode ser que o falante esteja muito à vontade, em uma situação extremamente familiar”. (CAMACHO, 2011, p. 34)

A língua ela varia, por essa razão, fatos como esses de “nóis vai”, “fia” a falta de concordância verbal e nominal, o uso das variedades não padrão, assim por diante, é bem comum nas variações do português do Brasil. Camacho (2001) assevera que:

Por que é possível fazer essas adivinhações com grau considerável de acerto? A resposta mais natural é porque, por um lado, toda língua varia, isto é, não existe comunidade linguística alguma em que todos falem do mesmo modo e porque, por outro lado, a variação é o reflexo de diferenças sociais, como origem geográfica e classe social, e de circunstâncias da comunicação. Com efeito, um dos princípios mais evidentes desenvolvidos pela linguística é que a organização estrutural de uma língua (os sons, a gramática, o léxico) não está rigorosamente associada com homogeneidade; pelo contrário, a variação é uma característica inerente das línguas naturais (CAMACHO, 2011, p. 35).

Para Camacho (2011) a língua não só varia como também a variedade linguística presente é um fator inerente às diferenças sociais, classes sociais e geográficas produzidas pela comunicação. Para tanto, essas ocorrências na língua são fatores que o falante, por vezes, não tem conhecimento das regras da variedade culta escrita do português brasileiro, uma vez que para esse sujeito não há necessidade de saber regras gramaticais e sim o intuito é de se comunicar.

Entender a variedade linguística é perceber que todas as línguas e dialetos são complexos, no entanto, elas estão destinadas a suas atividades na função de comunicação a que se destinam. Seja “na função da identidade social do emissor, seja em função da identidade social do receptor ou nas condições sociais” e, melhor ainda, nenhuma língua ou sua variedade é inferior ou superior à outra (CAMACHO, 2011, p. 40).

Sabendo que a variedade linguística existe como também está presente em todas as línguas, por essa razão há tantas formas de se expressar e fazer o uso da fala em diversas situações. Para essas recorrentes variedades há classificações diferentes para cada situação: variedades diatópicas neste caso referem-se à variedade geográfica em que pessoas que moram em determinados lugares diferentes tendem a falar de modo diferente. Para a variação diastrática que corresponde às condições socioculturais, neste caso a sua relação está ligada a fatores econômicos, a grau de escolaridade, ocupação profissional entre outros fatores. A variação diacrônica, no sentido que a língua muda ao longo da história e por último a variação diafásica ou estilísticas em que apresenta a mudança na comunicação entre o formal e informal, padrão/ não padrão, norma culta ou não culta o indivíduo utilizará o grau de formalidade dependendo da situação de comunicação exigida.

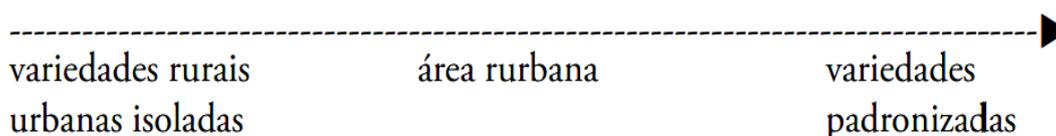
Para ir mais além, as autoras Cyranka e Scafutto (2011) definem que a língua padrão é a forma comum dada a um conjunto de normas linguísticas usadas pelos bons escritores, dando privilégio à modalidade escrita. Para Bortoni-Ricardo (2004) a Norma culta/Língua Culta está destinada para as práticas urbanas, letramento em que considera mais orientada e mais formal carregada de normas linguísticas aceitas para uma classe de maior prestígio. Já o autor Faraco (2008) define que norma culta é como um conjunto

de fenômenos linguísticos que engloba os aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais de uma língua, assim associada à escrita e ao ensino da tradição gramatical.

Nesse sentido de ir a busca do que é variação linguística e de que forma ela tem se constituído no português brasileiro, Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004) define três linhas distintas para variação, a autora denomina de contínuos: o primeiro de contínuo de urbanização; o segundo contínuo de oralidade-letramento e o terceiro contínuo de monitoramento estilística. Para a autora, os três contínuos ajudam a entender as variações do português brasileiro falado.

Contínuo de urbanização:

Figura 1



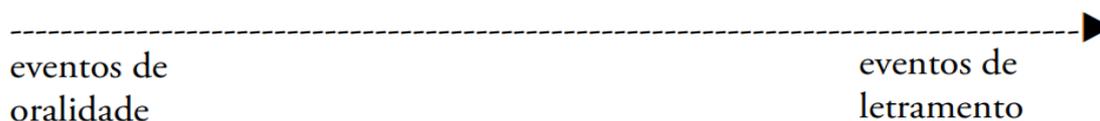
Fonte: Bortoni-Ricardo (2004, p. 52).

Para Bortoni-Ricardo (2004) descreve nessa linha em que de um lado estão às variedades rurais, afastadas da comunidade da área rurbana (dialeto rural de pessoas que vieram para a cidade e sua oralidade faz uma espécie de mistura de oralidade rural com a oralidade urbana), do outro lado às variedades padronizadas, nas quais receberam maior número de meios de comunicação, ou seja, maior número de influências de letramento.

[...] migrantes da zona rural, que conservam muitos de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semi-rurais, que estão submetidos à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52).

Na segunda linha está o contínuo de oralidade-letramento, como mostra o gráfico abaixo:

Figura 2



Fonte: Bortoni-Ricardo (2004, p. 61).

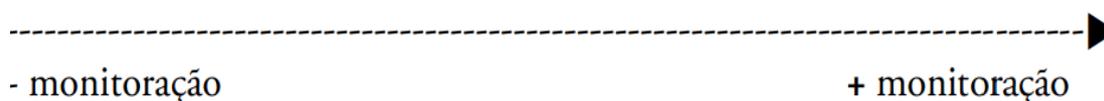
No contínuo de oralidade e letramento há a predominância das culturas de letramento, pela linha observa-se que essas culturas estão mais situadas na ponta, enquanto na outra ponta predomina a cultura de oralidade. Para Bortoni-Ricardo (2004) nos contínuos não há limites bem definidos entre os eventos de oralidade e de letramento. “As fronteiras são fluídas e há sobreposições” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 62).

Para entender esses eventos de letramento imaginemos que estamos em um congresso para

apresentação de trabalhos acadêmicos, para esse evento a pessoa que irá apresentar o seu trabalho apresentará de forma oral, porém embasado nos seus textos escritos. Em uma conversa no pátio da escola entre professores e alunos um evento de oralidade, mas se o professor decidir citar palavras de filósofos o evento passa a ter influências de letramento.

Por último Bortoni-Ricardo (2004) descreve o contínuo de monitorização estilística, “vamos situar desde as interações totalmente espontâneas até aquelas que são previamente planejadas e que exigem muita atenção do falante”.

Figura 3



Fonte: Bortoni-Ricardo (2004, p. 62).

Observa-se que no contínuo de monitorização estilística, os falantes em suas interações de oralidades, alternam os seus estilos, muitas vezes nesse evento exige atenção e planejamento quanto à forma da língua a ser utilizada nas interações comunicativas. Isso acontece pelo fato de que precisamos demonstrar uma boa forma de expressar ou porque no ambiente, o interlocutor necessita de um tratamento mais cerimonioso por essa razão o falante policia a sua fala.

Essas definições acima utilizadas pelos autores: Faraco (2008), Bortoni-Ricardo (2004) e Cyranka e Scafutto (2011) remetem a ideia que a língua e sociedade não podem ser concebidas uma sem a outra, além disso, é pela sua utilização da oralidade que o homem em sociedade constrói sua relação de comunicação uns com os outros no seu convívio social.

2.1 O que os professores ensinam? O que os docentes devem ensinar nas escolas?

Para responder a essas questões, depreende-se da ideia de que a escola está vinculada a distribuição de valores sociais e se torna institucionalizada com o ensino de variedade de prestígio, ou seja, a língua padrão, língua culta ou norma culta, como se todas fossem o ideal ao ensino de língua materna. Além disso, quando ensinada, essa variedade como se fosse única e exclusiva, estigmatizam as variedades não padrão, em consequência não permite ao aluno distinguir as condições sociais e adequação de seus usos na comunicação entre locutor e interlocutor.

Cabe ao sistema escolar cuidar para que as formas da variedade-padrão sejam desde cedo ensinadas à criança, para que, quando adulto, ela incorpore em seu acervo o máximo possível de formas padrão, tornando-se, assim, capaz de adequar a expressão verbal às circunstâncias de interação. A pedagogia da língua materna deve valorizar o princípio de que todos os falantes são capazes de adaptar seu estilo de fala à diversidade das circunstâncias sociais da interação verbal, e de discernir que formas alternativas são as mais apropriadas (CAMACHO, 2011, p. 43)

Nesse sentido, as autoras Cyranka e Scafutto (2011) fazem um questionamento às escolas, por que as escolas e professores se esforçam tanto para formar leitores críticos como também escritores proficientes, capazes de interagir, competentemente, utilizando práticas sociais da escrita, nesse sentido as instituições escolares não têm obtidos resultados suficientes. Pois, quando instituem a variedade padrão como a única legítima e aceitável na língua portuguesa, cria-se um preconceito de que as demais variedades não são ideais para a prática de comunicação.

Para o autor Camacho (2011) afirma que esse ensino de variedade padrão nas escolas “cria-se uma espécie de conflito entre a língua de fato ensinada na escola, como referencial exclusivo, a variedade-padrão ou normativa, e o dialeto social que o aprendiz domina, de acordo com sua origem sociocultural.” (CAMACHO, 2011, p.44). Nesse enunciado o autor explicita bem o que realmente as escolas deveriam adotar como ensino na disciplina de língua materna, um ensino voltado para as práticas sociais em diversas situações de comunicação e não um ensino voltado à gramática prescritiva.

Ainda para Camacho (2011), ele faz uma crítica em relação às escolas sobre como as escolas têm adotado a forma de ensinar a gramática prescritiva nas diversas formas de interação e deixado de fazer reflexões em torno da modalidade falada, uma vez que, o ensino da língua deve estar pautado em um domínio maior possível de modalidade de interação, entre escritas formais e a fala informais.

Assim sintetizando as palavras de Camacho (2011) em que o aluno deve ser inserido nas mais variáveis de textos escritos e práticas de oralidade, pois o indivíduo traz consigo o domínio de comunicação. Neste contexto, o sujeito deve ser capaz de realizar leitura autônoma sem o apoio de outra pessoa. Adequando-se sempre que possível as práticas linguísticas desenvolvidas no ambiente escolar e fora dos muros escolares, em outras palavras, nas práticas sociais comunicativas vivenciadas pelo aluno.

Aspectos metodológicos

O corpus, primeiramente, foi construído com base na análise de dois livros didáticos de editoras diferentes, para o componente curricular de Língua Portuguesa, destinado ao 4º ano do Ensino Fundamental- Anos Iniciais, da rede municipal da cidade de Loanda, localizada no extremo noroeste do estado do Paraná.

Nos livros didáticos, busco analisar como a sociolinguística é tratada nesses materiais e bem como o seu entendimento é desenvolvido didaticamente. O primeiro livro a ser analisado é o livro da coleção Buriti, organizado pela editora Moderna, referente a escolha de livros didáticos realizada pelos próprios docentes da rede municipal do ano de 2017 utilizados como material didático até o presente ano de 2022. O livro contém oito unidades temáticas para serem trabalhadas ao longo de um ano letivo no componente curricular de Língua Portuguesa.

Dentre essas unidades focaremos nossa análise apenas na unidade quatro, exatamente na página noventa, em que consta uma pequena atividade relacionada a variedade linguística. Analisamos abaixo:

Figura 4

Para falar e escrever melhor

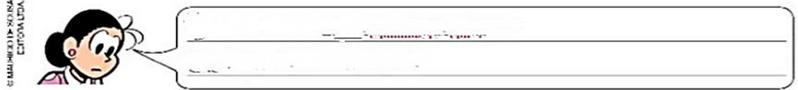
Gramática Variedades da língua

1 Leia a tirinha.



a) O que torna a tirinha engraçada?

b) Nessa tira, as personagens falam de um jeito próximo do falar de muitas pessoas da zona rural. Imagine como seria se eles falassem do jeito que você aprende na escola e reescreva o diálogo nos balões.




c) Como você acha que a tira fica mais expressiva: com as falas originais ou com as que você escreveu?

Variedades da língua são as diferentes maneiras de falar a língua. Elas dependem da idade, da profissão e da situação social, cultural e regional das pessoas. Nenhuma variedade é errada, pois todas permitem a comunicação.

Variedade urbana de prestígio é aquela que se aprende na escola e tem mais prestígio social.

As outras variedades são todas as maneiras de falar diferentes da norma urbana de prestígio.

Fonte: Buriti (2017, p. 90).

De acordo com os enunciados descritos na atividade referente à página do livro acima, embasados no gênero textual da tirinha dos personagens da Turma da Mônica, pode-se depreender que o manual didático trabalha uma reflexão acerca dos contínuos de urbanização sintetizado por Bortoni-Ricardo. Uma vez que, esse evento de contínuo de urbanização acontece nas comunidades interioranas residentes em

p. 10

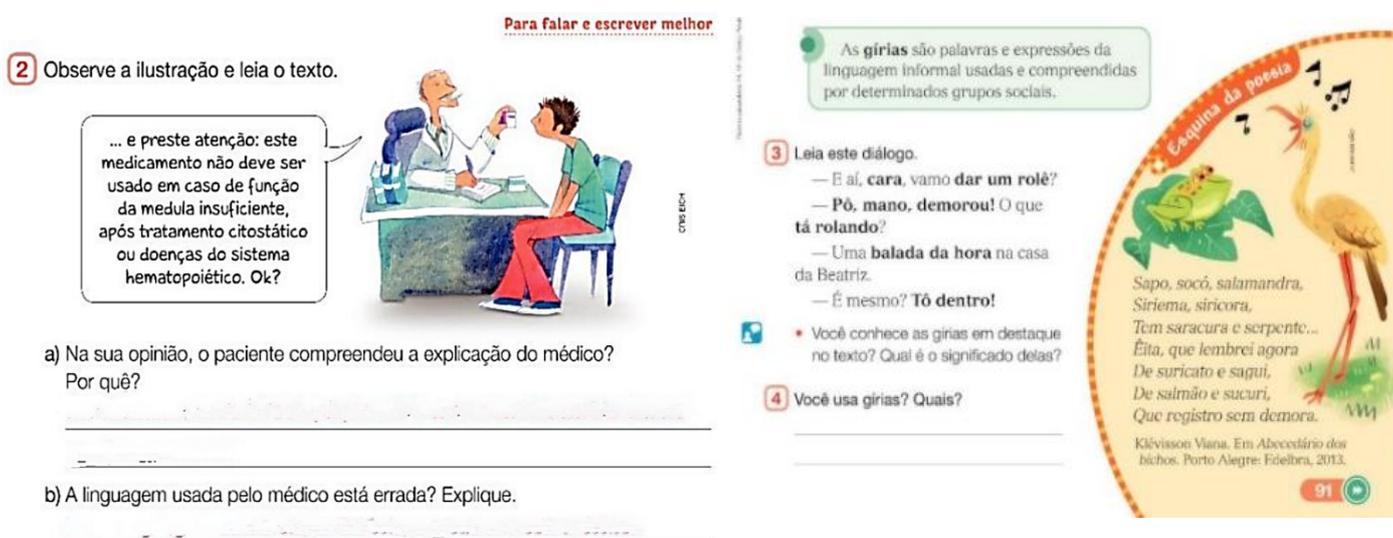
distritos ou núcleos semirrurais, que estão submetidos à influência urbana, nos grupos sociais, seja pela mídia ou pela absorção das novas tecnologias.

Percebe-se que na coleção Buriti há uma preocupação em fazer as distinções de variedades da língua portuguesa. Algo positivo para uma edição destinada ao ensino de variedade linguística a crianças. No entanto, ainda não é o suficiente para o ensino da sociolinguística, lembrando que, para Camacho (2011) as escolas devem adotar diversas formas de interação, bem como reflexões em torno da modalidade oral da língua. Para tanto, faz-se necessário que as escolas, não somente as instituições, mas também os materiais didáticos adotados pelo ensino criem mais oportunidades para os eventos de oralidade e letramento, uma vez que o material analisado apresenta apenas uma página com o estudo direcionado a variação linguística.

Para Silva (2012) bem como Camacho (2011) esses eventos de letramento são constituídos como práticas sociais em que um indivíduo adquire e desenvolve ao longo de sua vida, para que isso ocorra é importante que o sujeito esteja inserido em diversos contextos sociais. Nessa visão essa é uma tarefa da pedagogia da língua materna acrescentar formas de prestígio acrescentada nas habilidades em o aluno já domina e adequá-las à situação comunicativa, ou melhor, nos eventos de oralidade.

Passando mais adiante, analiso a segunda atividade do mesmo material didático, exatamente, na página noventa e um. Nesta atividade identifica-se o “Contínuo de monitoramento estilístico” conforme a autora Bortoni-Ricardo (2004). Na imagem observa-se que o médico prescreve o medicamento ao paciente que pouco compreendeu o vocabulário utilizado pelo profissional.

Figura 5



Para falar e escrever melhor

2 Observe a ilustração e leia o texto.

... e preste atenção: este medicamento não deve ser usado em caso de função da medula insuficiente, após tratamento citostático ou doenças do sistema hematopoiético. Ok?

a) Na sua opinião, o paciente compreendeu a explicação do médico? Por quê?

b) A linguagem usada pelo médico está errada? Explique.

3 Leia este diálogo.

— E aí, **cara**, vamos **dar um rolê**?
 — **Pô, mano**, demorou! O que **tá rolando**?
 — Uma **balada da hora** na casa da Beatriz.
 — É mesmo? **Tô dentro!**

4 Você usa gírias? Quais?

A Aquilina da poesia

Sapo, socó, salamandra,
 Siriema, siricora,
 Tem saracura e serpente...
 Éita, que lembrei agora
 De suricato e sagui,
 De salmão e sucuri,
 Que registro sem demora.

Klévisson Viana. Em Abecedário dos bichos. Porto Alegre: Fôlbra, 2013.

Fonte: Buriti (2017, p. 91).

Ao analisar a segunda atividade, na mesma página noventa e um, verifica-se que o conteúdo passa a ideia de valorização da diversidade cultural, demonstrando o uso de gírias em determinado evento de oralidade. Além disso, traz um ensino que ajuda o aluno a compreender que é possível fazer escolhas de oralidades individuais sem desrespeitar as escolhas alheias.

No segundo material didático pertence à editora Ápis Língua Portuguesa 4º ano: Ensino Fundamental - Anos Iniciais de Ana Triconi do ano de 2017 contém oito unidades para serem trabalhadas durante o ano letivo. A análise terá foco na unidade dois em que consta o trabalho desenvolvido com a variedade linguística. O mesmo livro usado na rede municipal de ensino da cidade de Loanda-Paraná.

Uma observação a ser feita: os dois materiais utilizados em análise são usados para instituições diferentes do mesmo município, nenhuma escola utiliza os dois concomitantemente.

Na atividade disposta no livro analisado, exatamente, nas páginas cinquenta e oito e sessenta e três, verifica-se o contínuo de monitorização estilística, em que as interações espontâneas não exigem planejamento já as interações planejadas exigem policiamento por parte do falante. Ao fazer o aluno refletir sobre as variedades linguísticas, é fundamental enfatizar a necessidade do respeito ao falar do outro, as formas diversificadas de expressão regionais, etárias, de grupos sociais específicos.

Figura 6

Variedades linguísticas

Você estudou que a linguagem da notícia é mais formal, mais cuidada. Vamos estudar um pouco mais o uso da linguagem em textos escritos.

1 Leia o verbete e o excerto a seguir.

| Verbetes de dicionário |
|--|
| GATO (ga.to) substantivo. Pequeno animal doméstico, carnívoro, descendente do gato selvagem e da mesma família do leão, da onça e do tigre. Saraiva infantil de A a Z: dicionário de língua portuguesa ilustrado. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2008. p. 109. |

| Texto informativo |
|---|
| [...] Os cientistas franceses trabalhavam, em 2001, em um sítio arqueológico localizado na cidade de Shillourokambos, na ilha de Chipre (sudeste da Europa), quando encontraram um esqueleto de gato com mais de 9.500 anos de idade. Ele estava enterrado a apenas 40 centímetros e à mesma profundidade do esqueleto de uma pessoa. Para os cientistas, isso era uma evidência de que já havia nessa época uma relação muito próxima entre gatos e homens. Disponível em: < http://chc.org.br/caes-e-gatos-um-assunto-de-cientista/ >. Acesso em: 27 set. 2019. |

Agora responda às questões:

a) Nesses textos há gírias?

Não.

b) A linguagem usada no verbete e no texto informativo é mais cuidada, formal, ou mais espontânea, informal?

Fonte: Ápis (2017, p. 58).

Figura 7

Observe as gírias usadas por pessoas de alguns grupos.

Surfistas

Arrebentar: se dar bem em determinada situação.

Cabrerão: medroso, covarde.

Caldo: tombo que o surfista leva da prancha.

Maroleiro: surfista que gosta de ondas pequenas.

Prego: surfista que não pega onda muito bem.

Jogadores de futebol

Bicicleta: chute aéreo em que o jogador chuta a bola com o corpo no ar como se desse uma cambalhota.

Bicuda: chute forte com o bico do pé.

Frango: gol sofrido por falha ou falta de habilidade do goleiro.

Lanterninha: time que ocupa a última posição em um torneio ou campeonato.



Jovens

Babado: mexerico, intriga, fofoca.

Caraca! expressa admiração, surpresa.

Irado! exprime satisfação; algo que agrada bastante.

Pagar mico: passar vergonha; dar vexame.

Tá causando: está se mostrando, aparecendo, chamando a atenção.



O uso de gírias é muito comum entre jovens, amigos, pessoas com quem convivemos no dia a dia. Geralmente, a gíria é empregada em situações em que o uso da linguagem é **mais informal**, mais espontânea.

Há o uso de gírias próprias de roqueiros, internautas, profissionais de determinadas áreas: feirantes, caminhoneiros, médicos, etc.

As gírias podem variar dependendo da região em que são empregadas, pois há diferenças de sentido de um lugar para outro, isto é, as gírias usadas em certo lugar podem não fazer sentido em outro.

Fonte: Ápis (2017, p. 63).

Diante desse material, é essencial que o aluno compreenda que o importante é empregar a linguagem de forma adequada à situação de comunicação. Assim o uso da linguagem formal ou informal são usos particulares da língua, para tanto são escolhas do falante que deve adequar seus usos às circunstâncias de situações vividas.

Considerações Finais

Diante dessas observações, realizei minha pesquisa baseada em uma sociolinguística na educação, com o intuito de trazer uma teoria-prática direcionada aos alunos da educação básica, a fim de trabalhar a diversidade da língua na escola ampliando as suas competências e adquirindo a aquisição de novos recursos expressivos tanto no oral quanto na escrita. Enfatizando aqui nas palavras de Bortoni-Ricardo (2005) que nenhuma língua ou cultura de uma comunidade deve ser classificada como inferior.

Busquei analisar os materiais didáticos destinados ao componente curricular de Língua Portuguesa a fim de relacionar o ensino de variedade linguística com autores que estudam a sociolinguística

educacional das últimas décadas. De modo geral, é possível perceber como esses materiais trazem a reflexão do uso da língua em seus diversos usos de suas variedades sem constituir preconceito linguístico.

Portanto, verifica a importância de sobrepor o trabalho de reflexão sobre os usos que os diferentes falantes fazem dela, partindo-se, necessariamente, do princípio fundamental da sociolinguística: a heterogeneidade é inerente a toda língua. A variação e a mudança são, portanto, manifestações do fenômeno da linguagem, patrimônio de todos os indivíduos, manifestação da natureza humana (CYRANKA E SCAFUTTO, P. 62, 2011).

Referências

BORTONI-RICARDO, S. M. O português brasileiro. In: _____. **Educação em Língua Materna : Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004 (p.51-70)

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegamos na escola e agora?** Sociolinguística e Educação. São Paulo, 2005. (p.113-146).

CAMACHO, R. G. **Norma culta e variedades linguísticas**. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 34-49, v.11. <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40354> . Acesso em 22 de out de 2022.

CYRANK; A. L. F. M.; SCAFUTTO. M. L. **Educação Linguística: Para além da “Língua Padrão”**. Revista Educação em foco, Juiz de Fora, V.16,n.1,p.41-64.2011

FARACO, C. Por uma pedagogia da variação linguística. In. _____. **Norma culta brasileira: desatando nós** . São Paulo: Parábola, 2008 (p.163-182)

SANCHEZ, M. M. **Buriti mais: português 4º ano**: manual do professor. 1 ed. – São Paulo: moderna, 2017.

SILVA, L. B. Letramento e Oralidade: Uma Abordagem Etnográfica dessas Práticas Sociais em Teresina-PI. Anais do SIELP. v. 2, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. ISSN 2237-8758. Disponível em : www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_173.pdf - Acessado 15 de Nov. de 2022.

TRICONI, A. **Ápis Língua Portuguesa 4º ano**: ensino fundamental, anos iniciais. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2017.